

Uma longa jornada azul

Em Portugal, o ano de 2006 ficou marcado por uma contracção do orçamento do Ministério da Cultura. A então ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, foi alvo de contestações, com uma manifestação alargada do sector cultural e uma petição online a reclamar a sua demissão, mas mantendo-se no cargo sem quaisquer repercussões.

Um estudo da União Europeia publicado em Novembro desse ano, *Economia Cultural na Europa*, merece a atenção da imprensa portuguesa e parece repercutir-se no plano do discurso político institucional: a ministra da Cultura profere publicamente, em várias ocasiões, uma das conclusões-chave do documento: "a cultura não é despesa, é investimento".

Na esfera pública, a discussão centrou-se na racionalidade financeira, por parte de políticos e gestores, enquanto artistas e intelectuais defendiam cultura e práticas culturais, não como conceitos transacionáveis, mas como realidades fundamentais para o desenvolvimento da sociedade e das suas comunidades. Naquele contexto,

o binómio conceptual "despesa versus investimento" e as conotações atribuídas ao termo "subsídio" consolidaram uma disputa retórica entre uma visão economicista e de mercado, por um lado, e uma visão humanista e cultural, por outro.

No âmbito das Artes do Espetáculo, assistiu-se, um pouco por todo o país, a um fenómeno inorgânico de municipalização da cultura, e desenvolveu-se um programa de fomento apostado na construção de novos teatros e cineteatros. Em 2004 inauguraram o Teatro Municipal de Bragança e o Teatro Municipal de Vila Real, em 2005 foi a vez do Teatro Municipal da Guarda e do Teatro Municipal de Faro (Teatro das Figuras), em 2006 abriu o Teatro Municipal Joaquim Benite (o Teatro Azul de Almada) e o Centro das Artes e Espetáculos de Portalegre, entre outros. Em 2008, todas as antigas capitais de distrito no continente verão os seus equipamentos teatrais renovados ou construídos de raiz. Apenas Setúbal teve de esperar por 2012 para assistir à reabertura do Fórum Municipal Luísa Todi.

A partir de 2006, a Companhia de



A Companhia de Teatro de Almada está instalada no TMJB desde Setembro de 2006

Teatro de Almada passou a desenvolver a sua actividade no Teatro Azul, e a ter condições materiais e técnicas para se afirmar como um importante centro cultural da Área Metropolitana de Lisboa, com produções próprias e acolhimentos, com um olhar atento à criação contemporânea nacional a par de uma inabalável vocação internacional, com uma programação em rede com instituições nacionais, com um serviço educativo inventivo e com um olhar atento às realidades das comunidades em seu redor.

Antes e depois de *Timão de Ate-*

nas, estivemos e estamos perante uma programação dedicada ao teatro, à dança, à música, à literatura e às artes plásticas. Um teatro habitado e programado por uma companhia de teatro que tem sabido desenvolver e consolidar uma rede de públicos que, temporada após temporada, aceita o desafio do pensamento e da inquietação. Em 2021, procuramos reflectir sobre essa longa jornada em direcção ao futuro, ora comédia, tantas vezes farsa, seguramente uma esplêndida tragédia optimista.

Carlos Vargas

A decomposição da velocidade

Thomas Langley, o autor da imagem do cartaz desta edição do Festival, inaugura hoje *Ghia Coupé*, uma exposição a solo com curadoria de Filipa Oliveira, na Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea. Ontem, numa conversa com Langley acerca da concepção da exposição e dos seus processos enquanto criador, o artista revelou-nos as suas inspirações e referências, rememoradas na sua obra.

Natural de Londres e residente em Almada, Langley tem como

ponto fulcral do seu trabalho a busca incessante pela compreensão do espaço através de uma constante abstracção dos limites impostos pelo mundo que o rodeia. O Ford Granada Ghia Coupé era o carro eleito do seu pai para as suas participações em *Banger Races*, quando Thomas era ainda uma criança.

As memórias das corridas violentas protagonizadas por carros antigos fizeram com que elementos como a velocidade e as formas mecânicas se fixassem no seu ima-

ginário. A exposição hoje inaugurada inspira-se nestes elementos, que agora foram decompostos em processos de abstracção rítmica e sequencial.

Thomas Langley, em *Ghia Coupé*, transfigura aquilo que outrora era mecânico e rígido, numa proporção orgânica assente nas formas monocromáticas das linhas pretas em carvão, em contraste com o branco da tela emoldurada. A exposição estará em exibição até 24 de Outubro, das 15h às 19h.

Maria Eduarda V. Wendhausen



50 ANOS DE PLATEIA

A jóia da coroa



© Luana Santos
José Júlio Leitão Dinis
49 anos de plateia

Ao falar do TMJB estou a falar da que é, indiscutivelmente, a jóia da coroa de Almada. Com efeito, e considerando que a evolução das sociedades tem como principal pilar a cultura, nenhuma outra instituição contribui para esse desenvolvimento de forma tão efectiva quanto este Teatro.

Tal contributo começa pela iniciação do gosto pela cultura junto das nossas crianças, proporcionando-lhes um primeiro contacto com o teatro, com a música, com o bailado, com a pintura, estimulando-lhes desde pequenos o gosto por essas actividades de índole cultural, contribuindo decisivamente para a sua formação cívica e o seu desenvolvimento harmonioso, não

esquecendo outras iniciativas junto das crianças no âmbito, por exemplo, do respeito pelo ambiente.

Aos adolescentes e adultos, além das peças de teatro interpretadas quer por grupos do exterior quer pelos seus actores residentes, temos igualmente peças para entretenimento, ambas fundamentais para o nosso desenvolvimento e equilíbrio psíquico e emocional. É por este eclectismo que o TMJB é um símbolo maior de Almada. Um bem-haja a todas as pessoas que, generosamente, com trabalho, tenacidade e amor pela arte sonharam este projecto grandioso, o colocaram no terreno ao serviço da comunidade e o mantêm mais vivo do que nunca.

Amanhã vota-se

No último dia do Festival será eleito o Espectáculo de Honra do próximo ano. De entre os espectáculos apresentados este ano, estarão a votação aqueles que poderão regressar em 2022. No boletim de voto constarão as seguintes peças: *Hipólito*, *Amitié*, *History of violence*, *Aurora Negra*, *Duas personagens*, *Who killed my father*, *Cenas da vida conjugal*, *Omma*, *Corpo suspenso*, *Pastéis de nata para Bach*, *Um gajo nunca mais é mesma coisa*, *A lua vem da Ásia*, *Fake*, *Discurso sobre o filho-da-puta*, *Molly Bloom*, *Miguel de Molina al desnudo* e *Viagem a Portugal*.

Por favor, traga a sua caneta.

O FESTIVAL VISTO DE FORA

Uma visão transatlântica

Passados 50 anos de existência e insistência no território, liderada pelo fazedor de teatro Joaquim Benite, a CTA fez com que Almada ganhasse o estatuto de periferia central, provando que todos os lugares têm o potencial e o direito de se desenvolver culturalmente. Durante o mês de Julho, Almada é a cidade-palco do melhor que se faz no teatro a nível nacional e internacional. Como trabalhadoras do Teatro Municipal Baltazar Dias, no Funchal, numa cidade ultraperiférica, este trabalho desenvolvido em Almada faz muito sentido e serve de bitola e inspiração.

Desde a primeira hora, ficou evidente que este Festival é um evento cheio de significados, memórias, pessoas e histórias. Um evento com um respeito, quase sagrado, pelo passado e pelo legado pioneiro de Joaquim Benite, mas também com os olhos corajosos focados no futuro, desafiando o tempo. Isso ficou evidente nos temas trazidos a palco e pela ousadia em organizar um festival internacional em tempos de pandemia e de elevado grau de incerteza e instabilidade.

Sandra Nóbrega & Catarina Faria



© Luana Santos
A directora e a programadora do Teatro Municipal Baltazar Dias visitaram pela primeira vez o Festival este ano

Teatro de memórias

Joana Craveiro, autora e encenadora de *Viagem a Portugal*, espectáculo que ainda pode ser visto até amanhã no Fórum Municipal Romeu Correia, fechou ontem os Colóquios na Esplanada. A moderar a conversa esteve Rui Pina Coelho, que declarou ter acompanhado de forma muito regular o trabalho do Teatro do Vestido e fez uma retrospectiva

do percurso da companhia. Joana Craveiro explicou o seu método de trabalho, de feição investigativa e documental. *Viagem a Portugal* teve como ponto de partida o livro homónimo de José Saramago, que serviu de gatilho para o trabalho. Craveiro revelou que o Teatro do Vestido aceita todo o tipo de doações, especialmente livros, dos quais geralmente caem fotografias



que acabam por ser memórias utilizadas nos espectáculos. Sobre este projecto, apontou que no início dos ensaios, ainda sem o texto fixado, um dos actores encontrou um saco com *legos*: o ponto de partida para a peça. | **Miguel Martins**

AGENDA DE AMANHÃ

16:00
Miguel de Molina al desnudo
Academia Almadense

16:00
Molly Bloom
Incrível Almadense

18:00
Um gajo nunca mais é a mesma coisa
Sala Experimental do TMJB

19:00
Lorenzaccio
Sala Principal do TMJB

20:30
Viagem a Portugal
Fórum Romeu Correia

RESTAURANTE DO TEATRO

HOJE
Frango à Moda Marroquina
Maionese de pescada

AMANHÃ
Vitela com passas
Filetes com molho de pickles

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz • Almada

